

REMATE DE MALES

Campinas-SP, v.39, n.1, pp. 403-422, jan./jun. 2019

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: A LITERATURA FICCIONAL DE TESTEMUNHO DE LIMA BARRETO

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: LIMA BARRETO'S FICTIONAL LITERATURE OF TESTIMONY

Erick Araujo¹

Resumo: Este estudo tem como ponto de partida o livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto (1961). Certa atenção especial será dada a “Breve notícia”, que antecede o texto da segunda edição. Pretende-se, a partir de *Isaías*, trazer à luz uma certa atividade, um procedimento próprio ao autor e presente em grande parte de sua obra: o testemunho ficcional.

Palavras-chave: Lima Barreto; testemunho; literatura afro-brasileira.

Abstract: This study has as its starting point Lima Barreto's book *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Special attention will be given to the “Breve notícia” that precedes the text of the second edition. It is intended, from *Isaías*, to bring to light a certain activity, a procedure proper to the author and present in much of his work: the fictional testimony.

Keywords: Lima Barreto; Testimony; Afro-brazilian Literature.

“[...] tudo o que escrevo são páginas das minhas memórias, terão que considerar como justa a confiança que faço”.

(Lima Barreto, 2016, p. 347)

1 Realiza estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, MG: <ericklaraujo@gmail.com>.



Muito já se disse sobre a relação entre os escritos de Lima Barreto e sua vida. Grande parte das críticas negativas endereçadas às obras do autor encontram aí seu impulso: a “obra deste escritor é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte” (BUARQUE DE HOLANDA, 1997, p. 8). O crítico, agora ao se direcionar a *Clara dos Anjos*, livro que prefacia, afirma que tal transfiguração, ou refundição estética – um distanciamento da vida concreta que tornaria possível usá-la como um dos elementos a ser transformado pela imaginação, dando lugar, assim, “a uma verdadeira perspectiva artística” (p. 19) – “não se fez de modo pleno” (p. 9). Na obra, “os problemas íntimos que o autor viveu intensamente e procurou muitas vezes resolver através da criação literária não foram integralmente absorvidos e nela ainda perduram em carne e osso como corpo estranho” (p. 9). Similares são os comentários destinados a *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, lançado no ano de 1909: “recebeu uma crítica impiedosa, que o acusou de ser um romance à clef, isto é, muito influenciado pela experiência pessoal do autor e, portanto, carente de imaginação” (SCHWARCZ, 2017, p. 213).

Para traçar as linhas desse procedimento de Lima Barreto, aqui chamado de literatura ficcional de testemunho, convém utilizar-se do suposto prefácio à primeira edição, assinado por Isaías Caminha e que está presente na “Breve notícia”, este, de fato, um prefácio, à segunda edição, e subscrito por Lima Barreto (1961, p. 39), afinal tal texto “concorre para a boa compreensão do livro”.

O impulso determinante para a escrita das recordações de Isaías emerge da leitura de argumentos racistas provenientes do campo científico: notava-se, em uma revista, “a brilhante pujança nas primeiras idades [das pessoas negras, ou como diz Isaías, das pessoas de seu nascimento], desmentida mais tarde, na maturidade, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles” (BARRETO, 1961, p. 40). Isaías decide, então, rememorar e narrar; decide testemunhar como modo de contra-argumentar. Mas logo se depara com um problema, pois, inicialmente, suas memórias o encaminham a dar “razão ao autor do escrito” (p. 41): “comparei os meus extraordinários inícios nos mistérios das letras e das ciências e os prognósticos dos meus professores de então, com este meu triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida” (p. 41). E, aqui, tem-se uma armadilha da natureza, do estado

de coisas, do mundo como tal – seja qual for o nome que se dê – que tende a “interromper qualquer pensamento que ameace agitar ou causar dor” (WOOLF, 2015, p. 21). A partir dessa citação, pode-se afirmar que pensar é ir contra a natureza. Assim, mesmo abatido por uma “melancolia nativa”, Isaías põe-se a “analisar detidamente os fatos” (BARRETO, 1961, p. 41) e chega à seguinte conclusão:

[...] verifiquei, que, até ao curso secundário as minhas manifestações, quaisquer, de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com aplauso ou aprovação, ao menos como coisa justa e do meu direito; e que daí por diante desde que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser de meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de ideias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia.

O narrador traça, a um só tempo, a justificativa e o objetivo de seu testemunho:

[...] foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perifrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos (BARRETO, 1961, p. 42).

Testemunha-se, pois, para inserir no campo de debates algo que as análises racionais e científicas tendiam a excluir: a concretude das existências negras. Isto é, há pertinência na descrição do mundo como feita pelo autor do artigo presente na revista lida por Isaías, trata-se de observações verdadeiras. No entanto, esse estado de coisas enquanto variável é elevado a constante, ao mundo como é e como deve ser, já que natural. A proposta de Isaías é a inclusão dessa variável excluída, a existência negra, na leitura sobre o mundo, assim como as relações entre essa existência e o mundo como tal enquanto variável. Não há origem ou determinação, mas sim, relações; para elas é que se deve guinar o olhar. E, nesse sentido, não parece plausível falar em *relação* de determinação, tendo em vista a unidirecionalidade da agência da dita natureza sobre os corpos e mentes negras. As recordações de Isaías são, então, por um lado, argumentos que visam mostrar o erro cometido por “tal autor do artigo” (BARRETO, 1961, p. 42). Por outro lado, ao testemunhar, o narrador analisa o mundo e suas relações por meio da sua própria relação com o mundo.

“Alguns críticos dizem que os negros escrevem muito sobre o passado. Mas somos como os escritores judeus”, diz Conceição Evaristo (2017, [s.p.]), “que também têm necessidade de retomá-lo. Temos uma dor que ainda precisa ser tornada explícita”. Existe, assim, certo plano comum que torna possível e adequado que, ao falar de testemunho – mesmo que se lide aí com narrativas da existência negra na Primeira República brasileira –, os escritos de Primo Levi (1988; 2007) sobre a *Shoa* e o modo de funcionamento dos *Lager* sejam lembrados.

No prefácio a seu *É isto um homem?*, o autor expõe que seu livro “não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana” (LEVI, 1988, p. 7) e, ao mesmo tempo, que emergiu para satisfazer uma necessidade “de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes”; dessa maneira, a obra nasce “com a finalidade de liberação interior” (p. 8). O testemunho apresenta-se com essa dupla finalidade: um material para leitura do mundo (e da alma humana) e um processo de libertação, cuja completude só pode ser vislumbrada por meio da escuta e da participação “dos outros”.

E não há nenhuma facilidade aí. Sabe-se que o regime nazista era “uma guerra contra a memória” (LEVI, 2007, p. 20) e que os soldados da SS (*Schutzstaffel* – Forças policiais do regime nazista alemão) divertiam-se ao informar cinicamente aos prisioneiros que, mesmo que alguém dentre estes últimos sobrevivesse para testemunhar sobre os campos, ninguém iria crer nesses relatos sobre atos tão monstruosos. Diziam eles que, mesmo com a derrota do regime nazista, as provas desses atos seriam destruídas e seriam eles, os soldados, que iriam contar/fazer a história dos campos. Daí o sonho compartilhado entre os prisioneiros, inclusive Levi, no qual, já em casa, eles se sentariam em suas mesas, junto a suas famílias e pessoas queridas, e começariam a narrar os acontecidos; no entanto essas pessoas não apenas desacreditariam, elas não escutariam e se levantariam, silenciosamente, para ir embora (1988; 2007).

Primo Levi (2007, p. 11), por meio de seus testemunhos, busca contribuir tanto para a análise de algo brutal como para responder “quanto do mundo concentracionário morreu e não retornará mais quanto retornou ou está retornando? que coisa cada um de nós pode fazer para que, nesse mundo grávido de ameaças, ao menos essa seja frustrada?”. E, como que reafirmando tal direcionamento de análise do real por meio do testemunho, adiciona ao final do prefácio de seu primeiro livro:

“acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação” (1988, p. 8).

Em relação à obra de Primo Levi, aquela de Lima Barreto apresenta aproximações e distanciamentos, e é dessa relação que alguma definição da literatura ficcional de testemunho pode emergir. As recordações de Isaías são apresentadas como um meio pelo qual, por um lado, se pode analisar um estado de coisas que pesa sobre a vida daquelas pessoas do mesmo nascimento do narrador e, por outro, transformar o horizonte dessas que, até aquele momento, são habitadas pela “irremediável derrota”, pela “queda aos poucos” (BARRETO, 1961, p. 102) e pelo jogo interminável da expectativa de algo melhor e das decepções concretas com a cidade, com a política, com o jornalismo e a literatura majoritária. Com suas recordações, o narrador tenciona “modificar a opinião dos [s]eus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo”: “a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, senão merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença” (p. 120). Por isso o silêncio em relação ao testemunho, que persegue Primo Levi em seus sonhos, atordoia tanto, também, Lima Barreto.²

Mas enquanto no primeiro o testemunho é a partilha de uma memória; partilha necessária para o retorno efetivo daquele que se encontrava ausente (LOPES, 2017); necessidade denotada pelo desespero de quem se encontra nos campos de concentração, cujo pensamento do retorno é atormentado pela indiferença a seu testemunho; No segundo, conjura-se contra um retorno, pois guiado a um tempo intolerável – a escravidão; ou direcionado a uma terra inalcançável, impalpável – a África. A partilha da memória é a busca por abrir sulcos de possibilidades diferentes de um passado que não passa, e não só coexiste, mas acavala presente e futuro, cerceando-os por meio de probabilidades – nada mais que atualizações de um passado intolerável, impostas por um estado de coisas embebecido no racismo, que persiste graças à noção de um passado já acabado.

Parece pertinente repetir as palavras de Isaías – “Eu me lembrei de escrever essas recordações”. Se se lembra e relembra da tarefa de escrever as próprias memórias é devido à repetição de situações nas quais “o passado não passa”, mas varia. Lida-se menos com um evento traumático e mais com a multiplicação de situações nas quais “não importa o que a

2 Daí poder-se afirmar que o “silêncio dos primeiros anos em torno à produção limana não pode ser visto como inocente e sem sentido” (PENTEADO, 2000, p. 64).

pessoa faça, ela ‘não pode ganhar’” (BATESON, 1987, p. 205). Lida-se aí com a repetição da experiência de perda, ao mesmo tempo individual e coletiva. A questão é, então, como criar um novo tempo, uma nova terra, um novo povo.

Diz-se, portanto, que há uma coletivização primeira no testemunho das *Recordações*. Parece possível afirmar que não se trata da narração individual de uma experiência coletiva, como no caso de Primo Levi, no qual há uma coletivização posterior, tanto numa conjunção de narrativas individuais que permitem uma visão quase que completa de um fenômeno – no caso, um fenômeno atroz –, quanto a possibilidade de outros indivíduos se reconhecerem no testemunho de outrem. O processo de ficcionalização tende a, a partir da narração, tratar de modo coletivo um problema coletivo. Parece um processo derivado da prudência de Lima Barreto para não cair na pessoalidade. Ou seja, “ficcionaliza-se” com o intuito de fugir não da narrativa individual, mas sim daquela pessoal. Esta não é nada mais do que o efeito, e o reforço, do fenômeno que se gostaria de analisar. É nesse sentido que pode ser entendida sua crítica à literatura feita majoritariamente: “uma literatura de clube, imbecil, de palavrinhas, de coisinhas”, nela não há “um grande sopro humano”, pois uma “literatura estreitamente pessoal, no que de pessoal há de inferior e banal: amores ricos, mortes de parentes e coisas assim” (BARRETO, 1956, p. 100).

Assim pode-se compreender a distinção entre pessoal e existencial, e a impossibilidade de intercâmbio entre esses termos. O primeiro vincula-se a termos como *privado* e *particular*, e sua necessária oposição ao público; lida-se com a “minha história”, a “história de minha família”, a “de minha cidade”. Tem-se aí, mesmo que se trate de uma “história de superação”, certa homenagem à forma social vigente, tendo-se apenas encontrado um “lugar justo” para si e para “os seus”. De qualquer forma, ainda se está do lado dos “vencedores”. E a necessidade de oposição ao “público” apresenta um funcionamento preciso: sobre o antagonismo aparente entre interesse público e privado, reina a indistinção, ou melhor, reina o desejo dos “vencedores”, como Lima Barreto (2010c) expõe no conto “Interesse público”.

Tem-se em Lima Barreto (2010b, p. 208) algo diverso, como explicitado por Vicente Mascarenhas, narrador de *Cemitério dos vivos*: “o meu pensamento era para a humanidade, para a miséria, para o sofrimento, para os que sofrem, para os que todos amaldiçoam”. Algo que, necessariamente, se manifesta no modo de escrever de Lima Barreto,

pois, como afirma Abdias Nascimento (2017, p. 157), o autor “desenvolveu sua obra numa linguagem viva, quase tão livre como o falar do povo, e desdenhou aqueles escritores que se autoencarceravam aos rigores gramaticais e estilísticos da língua portuguesa usada pelos acadêmicos do Brasil ou de além-mar”. Ou seja, Lima Barreto “não se dobrou às imposições do meio” (NASCIMENTO, 2017, p. 156) e não se curvou, mais especificamente, à “estética da brancura” (p. 153).

Existencial é algo não classificável segundo as categorias de privado, pessoal, particular, público, social. Quando se fala em existência atravessa-se tudo isso; quando se fala em modo de existência, busca-se realçar certa composição, a partir dos elementos heterogêneos que se dispõe, de um portar-se, expressar-se, pertencer e pertencer-se, direcionar e direcionar-se, enquanto um certo existir. A questão não é: “Existe-se?”, mas sim uma série de questões: “Como se existe e como se pode existir?”, “Como se existe e se pode existir em um *meio* devastado pela homogeneização?” e, em particular, “Como se existe e como se pode existir em um meio propriamente *branco*?”. A atenção volta-se, concomitantemente, ao atual e ao virtual. E algo aí é importante.

Quando se fala em atual e virtual, deve-se falar também em caos, definido menos

[...] por sua desordem que pela velocidade infinita com a qual se dissipa toda a forma que nele se esboça. É um vazio que não é nada, mas um virtual, contendo todas as partículas possíveis e suscitando todas as formas possíveis que surgem para desaparecer logo em seguida, sem consistência nem referência, sem consequência. É uma velocidade infinita de nascimento e de esvanecimento (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 153).

O atual é, assim, uma desaceleração. Mas se algo se atualiza, só o faz guardando certa potência de virtualidade. Daí o virtual ganha consistência, senão retornaria a sua velocidade infinita caótica. Trata-se, então, de uma certa atenção, atividade que envolve um exercício de atenção e de preparo, voltados a isso que é “[r]eal sem ser atual, ideal sem ser abstrato” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 202). Essa penumbra, na qual habitam essas “partículas de possíveis” desaceleradas, é o plano no qual se pode chegar ao “mais alto ponto de crítica de sua época” (p. 130), pois, tratando-se do ponto de junção entre o atual e o virtual, nele é que se torna possível a conexão que dará corpo ao novo, ao acontecimento (daí parecer pertinente ainda falar em “utopia”).

Se é dito que se lida aí com uma atividade de atenção e preparação, pode-se dizer, talvez, que se faz *ensaios*, ensaios de *vir-a-ser*, e a questão parece ser exatamente esta: “como alguém se torna o que é?”. E são ensaios, ao se falar em testemunho – da narrativa de e acerca de uma existência perante o que o mundo, enquanto dado, possui de mais tenebroso – fala-se, ao mesmo tempo, da humanidade, do mundo enquanto *já-aí* e, sobretudo, enquanto *em-vias-de*, por isso, em relação a Lima Barreto, há a necessidade de adjetivação: um testemunho ficcional. Algo visível em certo tema da passagem por uma bifurcação: do caminho que se seguiu, do que podia ter sido seguido e de certa penumbra sobre o caminho a se tomar – tema que aparece acoplado à expressão “deus escreve certo por linhas tortas”, que aparece tanto na “Breve notícia” como na crônica “Da minha cela” (BARRETO, 2010a). Algo como um “podia ter sido algo que se sabe o que é” ou um “estar em uma situação que se conhece qual é e que denota o afastamento daquilo que se podia ser”, ou seja, a bifurcação; mas, sobretudo, uma indeterminação em relação ao que se pode ser e, ao mesmo tempo, a criação de um trajeto em direção a esse indeterminado, cuja única característica conhecida, e essencial, é que se sabe que não é aquilo que já se conhece. A questão é de afronta em relação ao já-aí, às probabilidades dadas. Ou seja, trata-se de criação de possíveis, de cura. A bifurcação se desfaz não pela predominância de um, mas pela emergência de outros caminhos. Parece adequado, então, falar em encruzilhada. Nessas tramas é que irá se desenrolar a relação entre autor e personagem, e pelas quais quem escreve buscará manejar sua própria existência.

Assim, o testemunho da personagem, enquanto abstração, permite uma ampliação, tanto diacrônica quanto sincrônica, no trato do que se tem sob atenção. Dessa feita, pode-se dizer que se lida com uma tentativa de ir, no próprio texto, em direção ao coletivo. Mais precisamente, em direção a um povo. Fala-se sobre aquelas pessoas que compartilham certa situação, “um rapaz como eu”: negro, pobre, interiorano ou suburbano, que escuta, como Isaías, um “vai, vai” desfrutar, também, o que a República e a Modernidade oferecem, mas diante delas acabam por encontrar bloqueios, barreiras e decepções impostas, exatamente, pelo fato de serem negros, pobres, interioranos ou suburbanos. Eles então desafiam o mundo como ele está ao atenderem ao chamado de “vai, vai”. Mas há uma coletivização mais urgente. Ela pode ser vista ao se verificar que há um trabalho sobre camadas do passado. Uma delas seria a de uma vida que é narrada, fazendo de seu passado algo desde já coletivo: “um rapaz como eu”. E uma camada de passado que aparece de modo mais sutil e apresenta toda a

sua brutalidade. Uma camada que se relaciona com o destino de todo um povo e que engloba aquela primeira: o passado da escravidão.³

Se, em primeiro plano, as recordações são trabalhadas como modo de confrontar o racismo científico, principalmente as considerações acerca da degenerescência da mestiçagem; em segundo plano, há a escravidão, por um lado, tratada como fantasmagoria, passado longínquo (mesmo que recente),⁴ que por vezes emerge para assombrar a todos (brancos), mas que não se trata de um problema atual ou mesmo concreto, e, por outro, vivida como um passado que não passa cujos efeitos são esmagadores.

Nesse segundo plano seccionado, aparece um “preto velho, quase centenário” que, em um cais, por entre as pessoas do Globo – jornal no qual Isaías trabalha –, “andava de leve, sem quase tocar no chão, escorregava, deslizava – era como uma sombra...” (BARRETO, 1961, p. 232), um fantasma. “Em todas as fisionomias, havia decerto piedade, comiseração, e mais algumas coisas que não me foi dado perceber. Era constrangimento, era não sei o que...” (p. 232). E assim o “negro ia” e, logo, a vida continua, sem perturbações. E não é por acaso que esse trecho aparece rico em reticências; há algo que segue, que permanece, mas que não se pode, ou melhor, não se quer tratar de modo preciso. Na outra parte fruto dessa secção, há “uma preta velha, antiga escrava” (p. 92) do pai de Isaías, “tia Benedita”. Mantinha-se na casa daquele que a escravizara – não andava à deriva como o preto velho no cais. Ela ilustra o passado que não passa, apesar de variar. Tia Benedita conta histórias a Isaías criança, sua mãe – não ex-escravizada, mas também negra – serve seu pai: “ao menor ruído [a mãe] vinha correndo do interior da casa para saber se [o] pai queria

3 Talvez seja pertinente pensar no papel do testemunho em relação ao que pode ser entendida como história da diáspora. Se, aqui, fala-se em Lima Barreto, pode-se lembrar, ainda, dos escritos autobiográficos de pessoas escravizadas, produzidos a partir do século XVIII, como também nas intervenções testemunhais de “preta Suzana” no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (2017[1859]). Se há, quando se trata de coletivos indígenas – como aponta Gow (1991), a partir de seu estudo junto aos Piro do Bajo Urubamba, na Amazônia Peruana –, um papel preponderante do parentesco como modo de produção e narração da história; parece seguro dizer que, com o corte produzido pela diáspora e o consequente bloqueio genealógico entre população em diáspora e população africana, o testemunho passa a ser ativado como modo primordial de produzir, compreender e narrar a história negra.

4 Trata-se aí de um trabalho permanente de não lidar com as consequências da escravidão. Trabalho que se iniciou logo e preparou o terreno para ampliar sua efetividade com o passar do tempo, como mostra Roberto Schwarz (2000, p. 24), com a letra do hino à República, produzida em 1890, ou seja, dois anos após a Abolição: “Nós nem cremos que escravos outrora/ Tenha havido em tão nobre país!”.

alguma coisa” (BARRETO, 1961, p. 92). Pode-se dizer que se tem, aí, o compartilhamento, uma conexão por meio de um sofrimento comum: “uma imensa emoção [que] penetrava-me tão fundo que despertava nas minhas células já esquecidas a memória enfraquecida desses sofrimentos contínuos que me pareciam eternos” (p. 114).

Parece haver algo mais, algo importante. A preta velha aparece contando histórias. O preto velho perambula cantando. As histórias são da Europa, mas não são meras reproduções. Elas são transformadas pela “imaginação selvagem”, nelas irrompem “combates de gênios maus, com malefícios de feiticeiras, toda uma ronda de forças poderosas e inimigas da vida feliz dos homens” (BARRETO, 1961, p. 92), ou seja, cria-se. A música era tirada com “um caniço que distendia um arame de pescaria”; o velho, “auxiliado por uma varinha, vibrava a corda, enquanto balbuciava qualquer coisa [...] talvez uma ária de uma extravagante beleza, certamente só percebida por ele e feita pela sua alma para a sua alma” (p. 232), “uma plangente música das recordações do adusto solo da África, da vida fácil de sua aringa e do cativoiro semissecular!” (p. 233), ou seja, cria-se. O criar artístico aparece aí como uma linha de fuga desse plano seccionado entre fantasmagoria e um passado que não passa. A preocupação com a criação artística dá-se como preocupação com a criação da própria existência. Lida-se aí com a expressão de existências. Por isso a afirmação: “os negros quando ninguém se preocupava com arte no Brasil eram os únicos” (2010d, p. 602); tratava-se de questão não apenas de sobreviver, mas de criar vida em um contexto que impunha (e impõe) sofrimentos e impossibilidades.⁵

Não há separação entre arte e vida. A arte não representa nada, ela funciona, ela é expressão da vida e de vida. E aqui é que se encontra a obra de Isaías/Lima Barreto. Trata-se de um testemunho já coletivo, já de um povo e, por isso mesmo, um testemunho ficcional, artístico, pois é, também, a construção da expressão de uma existência negra (não escravizada, nos centros urbanos, na República) que encontra na literatura, campo hegemonicamente branco, tanto um meio novo de expressão como um novo modo de manejar a própria existência. Algo novo nasce. E, se é correto afirmar que a história da literatura brasileira é, majoritariamente, a história de um instrumento da colonização, da forma pela qual se deu a imposição

⁵ *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo (2003), pode ser lido, também, nas tensões entre esse plano de fantasmagoria e um passado que não passa (a figura do avô ex-escravizado é essencial) e, ao mesmo tempo, um corte criativo (aí, destaca-se a produção material de Ponciá e, de forma mais evidente, seu manusear criativo de uma matéria invisível).

de certo modo de existir (e se expressar) enquanto humano (mesmo que por meio de idealizações) em detrimento de outros, isto é, como instrumento de extermínio de modos de existir heterogêneos; e que negros(as) educados(as) nos moldes da colonização passam “a ter em si” aspectos, fragmentos, de diferentes grandezas, da “cultura colonizadora”, os quais utilizam como elementos a constituir um novo modo de expressão e, logo, um novo modo de existir; é correto assegurar, também, que essa empreitada negra (e seu sucesso) é um dos poucos meios com os quais se pode extrair o que há de vida em uma cultura de morte, de extermínio. Por isso é necessária uma nova adjetivação, que fará com que a própria literatura se transforme.

Não se trata, pois, de literatura brasileira, já que o Brasil enquanto colônia ou enquanto nação independente é a manifestação do esmagamento da heterogeneidade. Ao falar em literatura afro-brasileira busca-se realçar uma colisão. Explicitar, de um lado, o objetivo e o desejo hegemônicos de um Brasil branco, a partir dos quais falar em literatura configura-se como falar da produção escrita branca; de outro, um processo de criação no qual há a extração do que pode haver de vida dessa abstração mortificante – a nação (brasileira) – por meio da composição de elementos disponíveis, díspares, mesmo aberrantes, a partir de um núcleo (afro) catalisador de duas faces, ele mesmo em transformação nesse processo, a saber: de um lado, a herança africana manifestada concretamente – nos corpos e nos modos de viver desses corpos – e, de outro, uma África virtual – não há impulso de retorno a uma origem, a uma terra mãe; há a emersão de um componente-chave em um universo de referências. “Componente-chave”, o que não quer dizer englobante, mas efetivamente uma abertura de inteligibilidade e uma ruptura para a criação.

A presença dos pretos e das pretas velhas, portanto, não é por acaso. Configuram-se enquanto abertura e ruptura. Se é pertinente falar, assim, em Lima Barreto como uma das primeiras vozes da literatura afro-brasileira (EVARISTO, 2009) e, por isso mesmo, como uma das pessoas que enriqueceram e deram originalidade à literatura feita no Brasil, cabe lembrar, como o faz Conceição Evaristo, que não é por acaso que o autor intitula sua residência de “Vila Quilombo”; ele mesmo é um elemento em uma linha histórica de luta e criação.

Mas cabe continuar. Não se deve ter pressa. Isaías testemunha e é, em princípio, personagem de Lima Barreto. São explícitos os traços comuns na vida de autor e personagem. E daí vem a crítica à obra: Lima Barreto não teria tido competência suficiente para esconder-se, portanto, não há arte,

apenas ressentimento. Crítica gestada pela incompreensão. Afinal, não há tentativa de ocultar-se; pois há testemunho e há *despessoalização*. Não se lida com memórias pessoais. Isaías deixa isso visível quando, ao falar sobre sua obra, aponta para a possibilidade, mesmo o desejo, de que ela possa “despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer” (BARRETO, 1961, p. 122). A memória, nas *Recordações*, é uma matéria a ser trabalhada; isso, ao ser feito, articula-se, emaranha-se, enquanto autor, mas também enquanto leitora e leitor, a uma existência conectada à existência de um povo. Trata-se de uma matéria que só pode ser trabalhada desde que se trabalhe, também, seu “meio”. Rememorar, portanto, não é um ato voltado para o passado, mas a provisão de um material que pavimentará vias de conexão voltadas para o futuro.

Na “Breve notícia”, ao mesmo tempo em que Lima Barreto fala de Isaías como seu amigo e como autor da obra, as palavras de um crítico, selecionadas pelo primeiro, apontam, de modo explícito, para o autor do livro: Lima Barreto. Não existe acaso aí. Há um procedimento criativo no qual o autor se *despessoaliza* por meio da personagem para conectar-se com um povo, e a personagem se realiza por meio de seu emaranhamento com o autor. Existe uma via aberta entre personagem e autor.

Em uma direção, pode-se levantar a hipótese de que não é por acaso que Lima Barreto se refere a Isaías Caminha, a personagem, como seu amigo. Leitor e, por vezes, crítico de Nietzsche (FIGUEIREDO, 2004), parece provável que Lima Barreto tenha tido conhecimento da seção sobre o amigo, e sua funcionalidade, em Zaratustra: “[e]u e mim estamos sempre em colóquio por demais acalorado; como poderia suportar-se tal coisa sem um amigo? Sempre, para o eremita, o amigo é o terceiro; e o terceiro é a cortiça que não deixa o colóquio dos dois ir para o fundo” (NIETZSCHE, [s.d.], p. 72). O amigo é a abertura para o mundo, é o que impede que se caia no buraco negro da pessoalidade. “O amigo, diz Zaratustra, é sempre um terceiro entre eu e mim, que me leva a me superar e a ser superado para viver” (DELEUZE, 2010, p. 6).

Na outra direção, a personagem é esburacada pela sua conexão com o autor. Esburacamento que a torna mais complexa e aberta ao quase infinito da existência concreta: a “personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas” (CANDIDO, 2000, p. 59). Os esburacamentos são muitos, e os exemplos

mais perceptíveis são a enumeração, por Isaías, dos autores caros a Lima Barreto e a referência a capítulos prontos do livro *Clara dos Anjos*. O mais drástico, talvez, seja a “Breve notícia”: se ao final do romance não se encontra triunfo, não se acha um desfecho em concatenação com os anseios e as ações da personagem que se acompanhou, a “Breve notícia” instala mais uma abertura. Talvez seja mais adequado falar que não se encontra desfecho algum: a amargura de Isaías com sua vida no interior é a brecha para que ele ouça e responda ao “Vai Isaías! Vai!... Isto aqui não te basta...” (BARRETO, 1961, p. 47); assim aquela amargura que aparece no final do livro poderia ser a fissura para uma nova jornada desconhecida: “chegar – aonde? Não sabia bem; para chegar fosse como fosse” (p. 125). Isaías, ao analisar sua estadia no Globo, afirma: “quase me conformei” (p. 274). A amargura aparece como disparador de arrancadas. No entanto, quem lê é informado de que Isaías transformou-se, “perdeu muito de sua amargura” e “tomou outro rumo”, “enriqueceu e será deputado” (p. 43). O que leva Lima Barreto a questionar, ao olhar a vida de Isaías: “Deus escreve direito por linhas tortas, dizem. Será mesmo isso ou será de lamentar que a felicidade vulgar tenha afogado, asfíxiado um espírito tão singular? Quem sabe lá?” (p. 43). O autor, então, reabre o livro, precariamente fechado, para, por um lado, encerrar a movimentação do protagonista e selar seu destino: adaptou-se, apagando-se; e, por outro, oferecer uma nova chave de leitura: se há uma conexão íntima entre autor e personagem, a “Breve notícia” é um meio, para Lima Barreto, de conjurar contra o destino de Isaías. Se o destino desse último é selado, como que fechando o livro mesmo antes que a recordação comece; o livro é esburacado e aberto em direção ao quase infinito, pois conectado à existência de Lima Barreto. E, aqui, as duas faces de seu procedimento se entrelaçam, pois, por meio dessa via entre personagem (amigo) e autor, esse último maneja sua própria existência, utilizando-se do personagem enquanto um cartógrafo dos prováveis e dos possíveis, desejados e indesejados; daí falar em uma literatura enquanto saúde. Para compreender Lima Barreto parece ser necessário ler em ziguezague as obras ficcionais e seus diários. Ou melhor, talvez seja preciso instalar-se momentaneamente no espaço que há *entre* esses escritos.

Convém continuar, vagarosamente. O testemunho de Isaías/Lima Barreto diz algo mais, e não apenas sobre o passado. Parece que já se presente a próxima força com a qual precisará debater-se. Cabe ver, nesse sentido, um trecho do prefácio de Francisco de Assis Barbosa (1961) ao *Recordações*. Após comentar sobre a represália a Lima Barreto por parte dos “senhores

da literatura”, Barbosa (1961, p. 14) pontua: “[n]ão se diga que no Brasil não existia naquele tempo ou não existe hoje em dia preconceito de cor. Veiga Miranda caiu nesse equívoco e, num artigo, publicado em São Paulo, sobre o *Isaiás Caminha*, discordou do romancista [Lima Barreto]”, e apresenta o argumento do crítico: “Estamos muito longe dos Estados Unidos. Poder-se-ia dizer antes que uma dose de mulatice até influi favoravelmente na carreira do indivíduo”, ao que responde Assis Barbosa (p. 15): “esqueceu-se o ilustre publicista de acrescentar: desde que passem por brancos...”

Torna-se explícita, aí, a mudança de funcionamento da ideia de mestiçagem. Se, por um lado, Isaiás debate-se com os enunciados constituintes e constituidores de uma hierarquia racial na qual a população negra aparece, ao mesmo tempo, enquanto “raça inferior” – quando se trata de pessoas “negras puras” – e enquanto “degenerescente” – quando se tem em foco “mestiços” –; por outro lado, o narrador sabe que se encontra em um campo de batalha discursivo no qual as significações são estabelecidas. Por isso Isaiás pode afirmar, acerca do termo “mulatinho”, que “é questão de semântica: amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa” (BARRETO, 1961, p. 111). Aqui há uma outra chave para a leitura do *Recordações*, uma certa chave de atualização, a partir da qual o romance pode ser direcionado para seu futuro, podendo, assim, enfrentar as ideias de mestiçagem como identidade nacional e, conseqüentemente, de democracia racial.

O mito de origem⁶ do Brasil enquanto resultado do encontro e da síntese harmônica das ditas três raças, cujo efeito é a ideia de uma nação

6 “Todo problema de origem é sempre insolúvel” (BARRETO, 2010b, p. 68). Lima Barreto apontou a inutilidade da busca pela origem, pelo autêntico, assim como o perigo dessa busca enquanto combustível do nacionalismo. Todo o Policarpo Quaresma parece ilustrar essa relação entre a inutilidade e o perigo dessa busca, na qual o embate entre nacionalismos – um que seria legítimo pois baseado em origens autênticas e um que seria ilegítimo pois baseado em interesses específicos – é algo irresoluto. Talvez seja esse o principal ponto de contato entre o autor e o anarquismo enquanto potência da ausência de *arkhè*, como uma guinada para a humanidade enquanto projeto futuro em aberto, sempre a ser avaliado pelas possibilidades de abertura para os mais diferentes modos de existência ganharem consistência, dialogarem e enriquecerem-se, enquanto heterogêneos. Nesse sentido, caberia fazer uma aproximação entre seu decálogo, presente no *Diário íntimo*, no qual se apresentam apenas dois princípios (não ser mais aluno da Escola Politécnica; não beber excesso de coisa alguma) e um terceiro, em aberto: “3 – E...” (BARRETO, 1956, p. 33), e o texto de Errico Malatesta (2008, p. 100), “Os anarquistas e o sentimento moral”, no qual este diz: “[s]omos todos, sem exceção, obrigados a viver, mais ou menos em contradição com nossas ideias; mas somos socialistas e anarquistas precisamente porque, ao sofrermos esta contradição, procuramos, tanto quanto possível, torná-la menor. No dia em que

mestiça viável para todas as pessoas, torna inverossímil, ou melhor, inenarrável o testemunho da asfixia sentida pela pessoa negra, presa entre subserviência e integração. Por um lado, a escravidão – e suas consequências – como passado (que não passa) dos vencidos. Por outro, a integração, ou a assimilação de um pequeno grupo, como extensão do passado dos vencedores. Em ambos, lida-se com o apagamento prévio do que poderia emergir como *novo* daquilo que há de heterogêneo na história do que passou a se chamar Brasil. E esse é um aspecto importante. Não é inadequado lembrar das equações de apagamento exponencial da negritude no país por meio da mestiçagem e dos diferentes dispositivos jurídico-policiais para reprimir e, logo, fazer desaparecer o que poderia ser chamado de modo de existir afro-brasileiro.⁷

A enaltação de um Brasil autenticamente mestiço configura-se, desse modo, como uma estratégia discursiva cujo resultado é tornar a experiência negra de asfixia inenarrável, pois o mito de origem do Brasil, para usar a expressão de Deleuze e Guattari (2008, p. 20), é “como um salto no mesmo lugar, uma transformação incorpórea que se faz no instante Zero”, cujo efeito concreto é a manutenção de um estado de coisas derivado da hierarquia racial por meio de uma ruptura radical com o passado, ou seja, com a escravidão. Não há algozes e não há vítimas, não existem consequências, por isso, algo diferente do encontro harmônico

nos adaptássemos ao meio, não mais teríamos, é óbvio, vontade de transformá-lo, e nos tornaríamos simples burgueses; burgueses sem dinheiro talvez, mas não menos burgueses nos atos e nas intenções”. Em suma, “não há moral absoluta, eterna e imutável” (BARRETO, 1956, p. 98), mas análise e avaliação permanentes do estado de coisas presente e dos modos como se dão e como se podem combater as opressões por ele suscitadas; e de como se podem multiplicar os bons encontros, cujos resultados são a alegria e o fortalecimento mútuo. Trata-se aí de uma ética “da luta e da solidariedade” (p. 99). Tal parece ser a base anarquista a partir da qual Lima Barreto expõe, apresenta e desnuda Abelardo Leiva, o anarquista positivista em *Recordações*. Além de “incapaz do menor obséquio; nada lhe fazia retirar um tostão dos seus perfumes e das suas roupas” (BARRETO, 1961, p. 149), logo que se soma ao jornal *O Globo*, passa a usufruir de sua hierarquia: assim que assumiu o posto de repórter, diz Isaías, “começou a gritar comigo para que eu lhe trouxesse penas” (p. 196).

7 A Revolta que estoura devido ao projeto de lei do calçado obrigatório no *Recordações*, parece se encontrar nesse âmbito. Daí ser possível ouvir, por “debaixo” das palavras de Flocc, algo além de uma mera preocupação com a indumentária independentemente da cor de quem a porta: “[c]ausa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa...” (BARRETO, 1961, p. 243). Isaías afirma que, com relação à lei, atuava o mesmo espírito que movia as transformações urbanas no Rio de Janeiro e que desejava, “como complemento [...] uma população catita, limpinha, elegante e branca” (p. 205).

entre as raças é destinado ao esquecimento, pois é uma não-história. A mestiçagem como origem autêntica da nação apresenta-se, ao mesmo tempo, como mito da aurora de um estado civil *sui generis*, que produz ao redor do que dele se difere um barreira de incompreensão, algo que tende a impedir, ao mesmo tempo, a transmissão de experiência entre aquelas pessoas cerceadas e o diálogo entre essas e aquelas “de fora”; e como solução, enquanto afastamento, para o problema da reparação aos danos causados pelos “vencedores”.

A rememoração da trajetória de Isaías oferece material para análise desse novo problema, enquanto variação de um problema antigo. Cabe lembrar algumas palavras do narrador:

Para ele [Loberant, diretor do jornal], como para toda gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos políticos; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas. [...]. Não tive grande trabalho em o fazer modificar o juízo na parte que me tocava. Mas não me dei por satisfeito. Percebi que me viam como exceção (BARRETO, 1961, p. 274).

Isaías reafirma sua meta coletiva. Não há vontade de uma conquista individual, de encontrar um lugar “seu” no jogo social. Lida-se aí com uma batalha coletiva. E a percepção de Isaías, de que é visto como exceção, é importante, pois, com a mestiçagem como operadora de uma mudança discursiva estratégica, a exceção ganha também um novo funcionamento. Em um campo social marcado pelo racismo biológico, é possível, ou melhor, é logicamente necessária a existência da exceção, de algo extraordinário, que não rompe com o gênero, mas com a regra entendida enquanto média normal do gênero (CANGUILHEM, 2012). De modo diferente, a exceção passa, com a mudança discursiva da mestiçagem, a regra, mas regra desvinculada, incompatível com uma média. De modo mais pormenorizado, um *socius* marcado pela democracia racial é aquele no qual todas as pessoas – inclusive as negras, mestiças ou não – poderiam ascender na pirâmide socioeconômica por meio de seus esforços. A regra é: se há trabalho e esforço, há ascensão. Não importa que a média seja aquela de pessoas negras que trabalham, se esforçam, e não ascendem socioeconomicamente. Não se abala a regra. E, como modo de protegê-la ainda mais, retorna-se ao indivíduo, não como o que manifesta a regra ou como algo extraordinário que foge à regra biológica de seu gênero, mas como aquele que seria ou não capaz de seguir uma regra.

O que Isaías denota é que, por debaixo dessa regra – algo como um imperativo universal do capitalismo –, há uma enormidade de princípios que constituem o *ethos branco* enquanto requisito para o que poderia ser dito bem-estar social. E, quando se fala nesse *ethos*, busca-se deixar explícito que há, também, uma hierarquia do imaterial, e o narrador torna isso visível ao dar cor às ideias, às noções, à cidade desejada: branca. Tal *ethos*, em princípio, poderia estar distanciado da cor dos corpos, mas funciona como: 1) operador de homogeneização: a conformação permanente, sempre frustrante, a um modelo vazio e cambiante de *branquitude* que atinge a todas as pessoas e, acima de tudo, àquelas mais distantes de tal modelo; 2) dispositivo de produção de isolamentos: ruptura de comunidades, atuais ou virtuais, e aglomeração, agora, a partir do quanto se pode, ou não, aproximar de tal modelo. A aglomeração – cujo resultado é, sobretudo, a solidão – é sempre precária, pois distendida em um esquadro de elementos também precários: um cabelo que se deve ter, uma música que se deve ouvir, um gesto que se deve fazer e, principalmente, uma cor com que se deve nascer. Caso não se tenha tido a sorte de tal “nascimento”, passa-se a perseguir aqueles outros elementos por todos os meios para aproximar-se de um *ethos branco* o quanto possível; 3) maquinário de embaralhamento: os elementos, apesar de guardar certa permanência, são redistribuídos, e as vidas que os perseguem, devido às forças quase magnéticas deles, diferentemente de poderem manejá-los para manejarem a própria existência, são colocadas e mantidas em um jogo estúpido e quase que sem fim. Por meio desse mecanismo dá-se o afastamento de Isaías de sua meta coletiva que o conectava a um povo, uma comunidade, assim como também ocorre o aumento de sua solidão, de sua tristeza e, ao mesmo tempo, sua ascensão social: “[o]lhei uma, duas, mil vezes, os pobres e os ricos. Eu estava só” (BARRETO, 1961, p. 132).

No entanto, não é graças à *incorporação* de tal *ethos*⁸ que a ascensão de Isaías ocorre. Ela só é possível graças ao acaso. Seu trabalho e seu esforço não proporcionariam nada diferente de uma posição de subalternidade se ele, por acidente, não tivesse encontrado Loberant, o diretor do jornal, em algo que parece uma orgia. A partir daí, o diretor passa a olhar para o contínuo do jornal, Isaías. Pode-se pensar, aí, que Loberant se veria desprotegido, refém de Isaías: este o viu em seu íntimo, conheceu-o no que teria de mais indigno; agora (e por isso), ao olhar para

8 Do qual o “favor” é elemento tão importante, mas no caso de Isaías é inútil: de nada lhe serviu a carta de recomendação de um coronel de sua cidade, obtida por seu tio.

o contínuo, descobriria toda a nobreza deste escondida sob a pele escura e a simplicidade de sua pessoa. Daí o chefe de *O Globo* se tornar protetor do contínuo, que logo se transformará em repórter. Mas as coisas são mais complicadas do que isso. E, como Lima Barreto (1956, p. 34) afirma em seu diário, “[o]s protetores são os piores tiranos”.

Isaías diz-se atingido por sua “falta de decisão”, sente-se um “parasita, adulando o diretor para obter dinheiro” (BARRETO, 1961, p. 287), parasitismo que passa a simbiose, pois o hospedeiro também se beneficia enquanto guia exclusivo da vida do parasita. Loberant condensa em si o funcionamento do capitalismo: “[n]ão quero mais gramática, nem mais literatura aqui!” (p. 189), grita o diretor ansiando por maiores vendas. A defesa de alguns valores, que até certo ponto parece inabalável, logo se desfaz quando estes se tornam bloqueio para o lucro. Tal defesa – e, ao mesmo tempo, desprendimento – mostra então sua utilidade dentro da máquina de homogeneização, isolamento e manipulação de vidas a partir dos critérios do capitalismo. Mesmo a defesa do mercado, o valor eterno da contraposição ao Estado, se vê nesse jogo: assim que é possível, os integrantes do jornal passam a ocupar lugares na máquina estatal. E, como que antecipando essa “ocupação”, Isaías faz ver, no funcionamento interno do jornal, a mimetização de um regime tirânico, tão criticado em seus artigos e reportagens. Nesse sentido, todo o *Recordações* faz perceber, de modo paralelo ao racismo e à imposição do que se chamou *ethos branco*, um desespero de fundo, um desalento generalizado, uma exasperação capilarizada, próprios ao modo de funcionar do capitalismo.

Por fim, não é por acaso que Isaías fala em falta de decisão. Pode-se ter a pele escura sem decidir-se por ser negro ou negra. Lida-se aí com uma decisão, não com uma escolha. Não há opções que poderiam ser analisadas de acordo com certa preferência. O jogo das escolhas é ainda o jogo do capital. A decisão é acerca do modo como se irá existir. Se se pretende perseguir indeterminadamente elementos cambiantes e vazios de um modelo cambiante e vazio, ou se tomar-se-á a decisão de viver como pessoa negra, herdeira de certa história, mas, sobretudo, em busca de livrar-se dos grilhões de um modo de ser determinado, inclusive conjurando contra um modelo cerrado de negritude: “decidi-me a lutar, a bater-me para chegar – aonde? Não sabia bem; para chegar fosse como fosse” (BARRETO, 1961, p. 125). É para isso que Isaías testemunha, para isso Lima Barreto testemunha: para abrir vias de passagem para tal decisão. O fato de ser um testemunho ficcional faz transparecer a ficcionalidade da própria realidade do colonialismo e do capitalismo, enquanto história construída e manipulada, e, ao mesmo tempo, permite que se fuja,

ativamente, da personalidade (ainda pião de jogo), e que por meio da ficção, por meio da criação artística, façam-se pulular vias inéditas de existência.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1961, pp. 9-27.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro/Publifolha, 1997.
- BARRETO, Lima. Da minha cela. In: *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010a, pp. 282-94.
- BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010b.
- BARRETO, Lima. Interesse público. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, pp. 458-459.
- BARRETO, Lima. Opiniões de Gomensoro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d, pp. 602-603.
- BARRETO, Lima. Os enterros de Inhaúma. In: CORRÊA, Felipe Botelho (org.). *Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016, pp. 346-347.
- BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Londres: Jason Aronson, 1987.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro/Publifolha, 1997, pp. 8-19.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000. pp. 51-80.
- CANGUILHEM, Georges. *Estudos de história e de filosofia das ciências: concernentes aos vivos e à vida*. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2008.
- EVARISTO, Conceição. [Entrevista a Ivair Santos]. "Conceição Evaristo, o reconhecimento da escritora". *Instituto Portal-Afro [on-line]*. 4 maio 2017, [s.p.]. Disponível em:

- <<http://www.portalafro.com.br/conceicao-evaristo-o-reconhecimento-da-escritora>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, 2009, pp. 17-31. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6160270.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche. *Alea*, v. 6, n. 1, pp. 159-173, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X200400010001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Abr. 2018.
- GOW, Peter. *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. *I sommersi e i salvati*. Torino: Einaudi, 2007.
- LOPES, Lorena. Os Lotófagos da Odisseia ou sobre o esquecimento do retorno. *Caderno Pesquisa do Cdhis*, v. 30, n. 2, pp. 169-185, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/41684>>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- MALATESTA, Errico. Os anarquistas e o sentimento moral. In: *Escritos revolucionários*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra, 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro. [s.d.].
- PENTEADO MARTHA, Alice Áurea. Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922): a conspiração de silêncio. *Acta Scientiarum*, v. 22, n. 1, pp. 59-68, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4175/2838>>. Acesso em: 10 abr. 2010.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017[1859].
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- WOOLF, Virginia. *A marca na parede e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido: 10/04/2018

Aceito: 1/02/2019

Publicado: 12/06/2019